

ESTADOS UNIDOS

Sem rumo no campus

DUPLA DE AUTORES APONTA QUE GANHOS EM PENSAMENTO CRÍTICO E PROFICIÊNCIA NA ESCRITA SÃO MUITO PEQUENOS OU NULOS PARA GRANDE PARTE DOS ESTUDANTES AMERICANOS

Por Renato H. L. Pedrosa

Coordenador do Grupo de Estudos em Ensino Superior (GEES) do Centro de Estudos Avançados (CEAv/Unicamp) e professor do Departamento de Matemática do Instituto de Matemática, Estatística e Computação Científica (Imecc/Unicamp)

Academically Adrift

Richard Arum e Josipa Roksa
University of Chicago Press, 2011

A publicação de *Academically Adrift* (literalmente Academicamente Sem Rumor), de Richard Arum (Universidade de Nova York) e Josipa Roksa (Universidade da Virgínia), no início de 2011, causou enorme reação nos meios acadêmicos e políticos americanos. Não era para menos. No livro, com 272 páginas, os autores apresentam um quadro extremamente negativo do desenvolvimento acadêmico estudantil nas universidades americanas. O foco do estudo é a formação geral, no sentido da capacidade de análise, pensamento crítico e expressão. A formação específica não foi avaliada, pela simples razão de que não há, nos Estados Unidos, nenhum sistema de avaliação como o Enade/Sinaes, em nenhuma área.

O estudo utilizou dois conjuntos de informações, o National Survey of Student Engagement¹ (NSSE) e os resultados do Collegiate Learning Assessment² (CLA), para uma amostra de estudantes de 29 instituições, públicas e privadas. O CLA é um exame escrito, onde o estudante é solicitado a desenvolver três textos, envolvendo elaborar um argumento, criticar um argumento e outros exemplos de produção de textos. O NSSE é uma pesquisa da experiência estudantil. Os dois programas foram desenvolvidos no início da década passada.

Ambos permitem estudos longitudinais, em

particular o CLA, podendo ser aplicados tanto a alunos do primeiro como do último ano, e para os mesmos estudantes que fizeram o exame na entrada, quando estiverem concluindo seus cursos. Também apresentam a característica de serem de participação voluntária, sem envolvimento estatal, sem fins de regulação, contando com grande envolvimento das instituições participantes. Utilizando os resultados dos exames de admissão, é possível controlar o nível de proficiência anterior ao ingresso no ensino superior e estimar o real avanço dos estudantes nas habilidades avaliadas (o valor acadêmico adicionado). Os resultados não foram nada animadores. A seguinte frase dos autores resume bem os achados do estudo:

“Ganhos em pensamento crítico, raciocínio complexo e proficiência na escrita são ou extremamente pequenos ou empiricamente inexistentes para uma grande parte dos estudantes.”

De fato, mais de um terço dos estudantes (36%) não apresentou nenhum avanço nessas habilidades após quatro anos de estudos e de experiência universitária, segundo dados obtidos via CLA. Uma das possíveis razões para isso foi detectada nos dados do NSSE: menos de 50% dos estudantes haviam escrito textos com mais de 20 páginas em alguma de suas disciplinas cursadas no ano acadêmico mais recente. Mais de um terço dos estudantes havia estudado sozinho por 5 horas ou menos por semana.

Um achado interessante foi o de que estudantes matriculados em programas de “educação geral” (denominados de “liberal arts programs” nos EUA)

1 <http://www.nsse.iub.edu/>

2 <http://www.collegiatelearningassessment.org/>

foram os que se saíram melhor na avaliação de pensamento crítico, raciocínio complexo e proficiência na escrita. Estudantes das áreas de negócios, educação, agentes sociais e comunicações tiveram o pior desempenho. O grupo intermediário envolve as demais áreas acadêmicas e profissionais. Voltaremos a esse tema mais à frente, ao compararmos esse estudos aos resultados que temos via Sinaes/Enade no Brasil. Também acharam evidências de que programas com nível mais alto de exigência acadêmica também resultam em melhor desempenho no CLA.

Esse é um breve resumo das conclusões. Há muito mais no livro, em particular as seções que tratam de aspectos sociológicos da vida estudantil, especialidade de um dos autores (Brum), que merecem ser pensados com cuidado. Mas essa curta exposição já permite antever o tipo de reações, incluídas as de caráter crítico, ao livro. Nesse sentido, as principais críticas referem-se às questões da validade dos instrumentos utilizados, em particular o CLA, visto que, como qualquer exame, ele evidentemente sofre das limitações impostas pelas necessidades de exequibilidade de exames. Por exemplo, que o CLA não envolve situações reais onde as características avaliadas estariam sendo exigidas. Mas essa crítica não invalida o uso de resultados de exames de forma alguma, uma vez que estudos podem mostrar correlação significativa das evidências obtidas de forma mais ou menos indireta, via exames, com o desempenho naquelas situações reais onde as habilidades avaliadas seriam úteis. Outra crítica colocada foi a pequena amostra

O consenso em expansão é que pensamento crítico, raciocínio complexo e proficiência de expressão escrita são as habilidades mais relevantes num mundo em constante transformação

utilizada, seja de estudantes, seja de instituições.

Antecipando essas e outras críticas, os autores já apresentam, preliminarmente, argumentos de validação do estudo. Analisam críticas já colocadas anteriormente, principalmente em relação ao CLA, incluindo vários estudos criteriosos de validade desse instrumento de avaliação. É fundamental, como fizeram os autores, que toda análise sobre o comportamento de estudantes, ou sobre a avaliação de seu desempenho, seja acompanhada de uma cuidadosa apresentação de evidências da validade dos métodos utilizados (aliás, como em qualquer análise que apresente evidências de fenômenos sociais/educacionais). Os autores são extremamente conscienciosos nesse aspecto: cerca de 20% da obra é composta de uma apêndice sobre a metodologia utilizada na pesquisa desenvolvida.

É interessante mencionar, nesse ponto, que existe em nosso país, em pleno funcionamento, um amplo sistema de avaliação de desempenho dos estudantes de ensino superior, o Enade, que é utilizado por um sistema ainda mais amplo de avaliação de cursos e instituições. Sua formulação original previa a aplicação do (mesmo) exame para alunos de primeiro e de último ano do curso, o que ocorreu até 2010, para permitir uma avaliação do valor educacional adicionado pela experiência ao longo do curso de graduação. Mas, mesmo naquela forma de utilização, o Inep e o MEC não utilizavam os resultados senão para estimar o valor adicionado em termos das habilidades ou proficiências avaliadas. Por exemplo, os resultados não eram utilizados para de fato avaliar em que aspectos o curso estaria ou não contribuindo para a formação, o que poderia ser utilizado como retorno para a instituição aprimorar seus programas e práticas pedagógicas. Ou seja, a avaliação seria apenas indicador de alguns aspectos do curso: o Enade tentava apenas ver qual seria a “temperatura” do curso, mas não quais seriam as razões para o “paciente” ter ou não “febre”, nem quais seriam os possíveis “tratamentos” indicados para cada caso.

Porém, mesmo nesse aspecto, havia falhas. Por

exemplo, não havia controle sobre quanto do que era avaliado vinha da formação pré-universitária. Resultados do Enade, olhados de forma mais cuidadosa, mostram que boa parte do desempenho dos alunos de primeiro ano vinha, de fato, da formação anterior ao ingresso. Por exemplo, os estudantes de primeiro ano de instituições altamente seletivas têm desempenho, mesmo na parte específica do Enade, melhor do que os concluintes da maioria das instituições com nível 1, 2, ou 3 (na escala de 1 a 5 do Enade). Isso poderia ter origem no melhor desempenho numa parte do exame que estaria, de fato, avaliando habilidades ou mesmo conteúdos que já deveriam ser de domínio do estudante ao final do ensino médio, e os estudantes com melhor formação teriam melhor desempenho em virtude disso. Poderia ser que não, mas para testar isso, seria necessário controlar o que seria formação anterior ao ingresso no ensino superior, o que o Inep nunca desenvolveu.

Uma forma de controlar a contribuição da formação pré-universitária seria utilizar, por exemplo, os resultados do Enem. No caso do CLA, é isso que é feito: o valor adicionado é calculado após o controle da formação anterior ao ingresso mediante os exames de ingresso no nível superior. Infelizmente, a partir do Enade 2011, perdeu-se essa possibilidade, pois o MEC decidiu utilizar o Enem exatamente no lugar do Enade dos calouros. Para fins de simples estimativa do valor adicionado, o Enem basta, de fato, mas perde-se não só a chamada “prima facie” da comparação de desempenho de ingressantes e concluintes num mesmo exame, mas as informações mais detalhadas que esse tipo de comparação permitiria para efeitos de melhoria dos cursos, além do controle mais refinado do valor adicionado, como mencionado no parágrafo anterior. Valeria a pena que os responsáveis pelo Sinaes e Enade, em particular os membros da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes), comparassem os cuidados metodológicos que cercam a utilização dos resultados do CLA com as práticas e

No capítulo de conclusão, os autores enfatizam a necessidade de que os estudantes escrevam de forma consistente em quantidade relativamente alta ao longo dos seus cursos

métodos empregados no sistema brasileiro.

Voltando ao livro, é interessante a conclusão indicando que os estudantes que tiveram melhor desempenho (valor adicionado) no CLA foram aqueles matriculados em programas de educação geral (programas de “liberal arts” no linguajar universitário americano). Esses programas têm como princípio curricular e pedagógico a ideia de que o mais importante é propiciar aos estudantes condições para desenvolver exatamente aquelas características que o CLA avalia. Assim, uma possível crítica ao estudo apresentado poderia ser que, a priori, já estariam dadas as condições para que esses estudantes tivessem, de fato, melhor desempenho. No entanto, a tradição dos programas de “liberal arts” é muito anterior ao CLA e existe, de fato, um consenso entre muitos educadores – consenso em expansão – que as habilidades avaliadas pelo CLA (pensamento crítico, raciocínio complexo e proficiência de expressão escrita) são, de fato, as mais relevantes num mundo em constante transformação. Conhecimento específico, cada vez mais rapidamente, torna-se obsoleto.

O prof. Paulo Barone, da Universidade Federal de Juiz de Fora e vice-presidente da Câmara de Ensino Superior do CNE, em recente palestra para os pró-reitores de graduação das IES da região sudeste (Forgrad Região Sudeste, Puccamp, 30 de março de 2012), foi claro quando colocou que a formação para o momento atual e para o futuro imediato passa muito menos pela aquisição da informação e mais pela habilidade de utilizar essa informação nas diversas situações reais após a graduação, sejam em

atividades acadêmicas ou no sistema produtivo. Assim, o modelo da educação geral seria um dos possíveis caminhos para se atingir os objetivos de uma educação mais apropriada ao momento atual (e futuro). As tentativas, ainda incipientes, de instaurar programas que incorporem conceitos relacionados à educação geral no Brasil, como os programas da Universidade Federal do ABC e os bacharelados interdisciplinares (UFBA), ainda não estão suficientemente testados para indicar se são adequados para os fins indicados pelos estudos de Arum e Roksa.

O capítulo de conclusão do livro busca enumerar algumas propostas para reformar o ensino superior americano, visando a minorar as deficiências relatadas ao longo do livro, segundo o diagnóstico dos autores. O título é enfático: “A Mandate for Reform” (Um Mandato para Reforma). A parte mais relevante é a seção em que se discutem currículos e ensino. Ali, enfatizam a necessidade de que os estudantes escrevam de forma consistente, em quantidade relativamente alta, ao longo dos seus cursos. Chamam atenção para a necessidade de que os estudantes recebam a mensagem clara de que a instituição, incluindo os docentes, tem expectativas muito altas em relação ao desempenho acadêmico que eles deverão apresentar. Observam como a cultura dos campi americanos tendem a supervalorizar aspectos sociais da vida universitária, incluindo as atividades desportivas, em detrimento da vida acadêmica. Enfatizam a importância de que docentes atuem de forma decisiva em passar essa mensagem aos estudantes, nas suas disciplinas, dentro e fora da sala de aula. Outros aspectos incluem os valores acadêmicos da liderança universitária e a transparência da instituição em apresentar seus resultados e sua forma de atuar.

A última seção não podia evocar de forma mais explícita a memória americana de um feito de grande sucesso e impacto, a ida do homem à Lua. Cita

Valeria a pena que os responsáveis pelo Sinaes e Enade comparassem os cuidados metodológicos que cercam a utilização dos resultados do CLA com as práticas e métodos empregados no sistema brasileiro

o fato que o Presidente Kennedy usou um discurso em uma universidade (Universidade Rice, Houston), para reiterar a proposta colocada no ano anterior em um discurso fundamental³, no contexto da Guerra Fria, ao Congresso americano. Nesse discurso, proferido pouco mais de um mês depois que a União Soviética havia colocado o primeiro ser humano em órbita (Yuri Gagarin, 12 de abril de 1961), lançou o desafio de enviar uma missão humana à Lua antes do final da década. De fato, o choque com o avanço da URSS na tecnologia espacial já havia ocorrido quatro anos antes, com o lançamento do primeiro satélite artificial, o Sputnik. Muitos provavelmente duvidaram quando Kennedy fez o desafio, mas a história é bem conhecida: em julho de 1969 Neil Armstrong pisou em solo lunar.

É interessante o chamamento dos autores para uma reforma da educação superior americana com essa comparação. Pode parecer exagerado e excessivamente dramático. Porém, aqueles que conhecem o poder da educação em transformar pessoas e sociedades, e as dificuldades em atuar para seu avanço, provavelmente concordarão que o escopo, as dificuldades, os desafios e, principalmente, os resultados, estão exatamente no nível daquele evento histórico.

Os autores apresentam muitos outros dados, diagnósticos e análises que merecem ser lidos por todos os interessados no tema, por educadores, lideranças acadêmicas e universitárias, assim como pelos responsáveis por políticas públicas na área da educação (superior ou básica) em nosso país.

[3] Special message to the Congress on Urgent National Needs, 25 de maio de 1961, IX. <http://www.jfklibrary.org/Research/Ready-Reference/JFK-Speeches/Special-Message-to-the-Congress-on-Urgent-National-Needs-May-25-1961.aspx>